

Lukács: apontamentos críticos acerca do racismo

Marcio Farias¹

323

Resumo

Este ensaio se propõe a apresentar alguns apontamentos para uma análise das contribuições da obra do filósofo György Lukács para o tema do racismo. Para tanto, reconstitui-se vida e obra com fins de traçar uma conexão entre a base teórica e o debate sobre racismo no interior da obra do autor. Por último, debatem-se os desdobramentos da obra do autor no Brasil, e como os autores brasileiros baseados em teses lukasianas debateram o racismo. Aponta-se, por fim, que certas abordagens de autores brasileiros de orientação lukasiana sobre o tema do racismo não se lastreiam nas contribuições teóricas do autor, por isso, as fazem a partir de um caminho peculiar percorrido pelo marxismo brasileiro para o tema da raça.

Palavras-chaves: György Lukács; Marxismo; Racismo.

Resumen

Este ensayo se propone presentar algunos apuntes para un análisis de las contribuciones del filósofo György Lukács al tema del racismo. Para esto, se reconstituye su vida y obra con la finalidad de establecer una conexión entre la base teórica y el debate sobre el racismo dentro de la obra del autor. Por último, se mira el impacto de la obra del autor en Brasil y cómo los autores brasileños debatieron el racismo basados en ella. Finalmente, se señala que ciertas abordajes de autores brasileños de orientación lukacsiana sobre el tema del racismo no están evidenciadas en los aportes teóricos del autor, por lo tanto, son realizadas desde un camino peculiar recorrido por el marxismo brasileño para el tema de raza.

Palabras clave: György Lukács; Marxismo; Racismo.

Abstract

This paper aims to present some notes for an analysis of György Lukacs philosopher's work contributions to the theme of racism. To this end, life and work are reconstituted in order to draw a connection between the theoretical basis and the debate about racism within the author's work. Finally, the developments of the author's work in Brazil is debated, and how Brazilian authors based on Lukasian theses debated racism. Points out, finally, it is pointed out that certain approaches by Brazilian authors of Lukasian orientation on the theme of racism are not based on the theoretical contributions of the author, therefore, they make them from a peculiar path taken by Brazilian Marxism to the theme of race.

Keywords: György Lukács; Marxism; Racism.

¹ Mestre e doutorando em Psicologia Social pela PUC-SP. Professor convidado do Celacc ECA/USP. | mfariasont@gmail.com



Notas preliminares sobre vida e obra em Lukács

Sobre a proeminência da obra de György Lukács há quase que um consenso entre intelectuais. Para alguns, inclusive, ele foi o maior o filósofo marxista do século XX². Contudo, ao estudar sua obra e buscar apontamentos críticos sobre o racismo, ainda que num movimento ensaístico, é fundamental conhecer os movimentos de sua vida, os quais dão importantes elementos para compreender seu desenvolvimento teórico.

Nascido em 1885 em Budapeste, em 1902 inicia seus estudos em direito e filosofia e também começa exercer a função de crítico de teatro com a publicação dos seus primeiros escritos sobre o gênero. Isso lhe conduz, em 1904, a participar do grupo teatral Thalia Tarsaság. Logo após, obtém seu doutorado em filosofia pela Universidade de Budapeste em 1906, em seguida parte para a Alemanha, para continuar seus estudos, primeiro em Berlin, depois em Heidelberg. Pouco tempo depois, tem contato com os grandes intelectuais contemporâneos que exercerão profundas influências ao pensamento ocidental do século XX, tais como Karl Jaspers, Karl Korsch, Wilhelm Dilthey, Edmund Husserl, Georg Simmel e Max Weber. No curso desses anos ele publica uma série de textos, reunidos em 1910 no livro *As almas e as formas*. Nesse livro, suas posições filosóficas estão ligadas principalmente ao neo-kantismo que predominava como espírito do tempo na cultura germânica de sua época. Entre 1911 e 1917, quando ele se ateu a redação de um trabalho maior, *A teoria do romance* que será publicado pela primeira vez em 1916. Neste período, Lukács começa igualmente um estudo sobre a Estética e a Ética em Dostoievski. É também nesse período muito profícuo que data seu trabalho publicado postumamente cujo título é *A Estética de Heidelberg*.

De retorno à Budapeste desde 1915, Lukács adere ao Partido Comunista Húngaro ao fim de 1918. Entre março e julho de 1919, dentro da República Húngara de Conselhos, foi nomeado comissário da Cultura Popular no governo de Bela Kun. Essa experiência revolucionária vai ser a referência para o escrito, *Tática e Estratégia*, publicado em Budapeste no mesmo ano. Depois da queda da República dos Conselheiros, Lukács se exila na Áustria e depois na Alemanha. Condenado à morte, ele não foi

² NETTO, José Paulo. **Por que ler Lukács**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VZt4RwNR3W4>. Acessado em 15/01/2020.



extraditado por intervenção do escritor Thomas Mann. Entre 1920 e 1930, sua principal morada é Viena, cidade em que ele exerce suas atividades teóricas e políticas no período. Em 1921, eleito delegado pela Hungria vai ao III Congresso Mundial da Internacional Comunista em Moscou, onde se encontra pessoalmente com Lenin.

História e Consciência de Classe, um de seus trabalhos mais conhecidos e comentados, foi publicado em 1923. Este livro foi alvo de críticas por parte de intelectuais comunista, inclusive Lenin.

Logo depois ele foi excluído do Comitê Central do Partido Comunista Húngaro. Em 1929, pública as *Teses de Blum* programa político reprovado pelo Partido Comunista. Este período foi dos mais intensos na vida de Lukács.

Ainda assim, partindo de uma hipótese herética sobre a sua obra: a unidade de seu pensamento - heresia que seria descartada por ele mesmo, haja visto seus inúmeros rechaços aos textos escritos na juventude, sua postura arredia frente aos relançamentos de obras que lhe consagraram ou a concessão de edições dessas obras de juventude com prefácios feitos por ele mesmo, alertando sobre os limites desses textos frente à sua obra madura, sendo que quase todos os intérpretes consagrados de sua obra refenderam esse ponto - tem-se em *As almas e as formas* elementos de discussão "em germe" de temas que estão no "assim chamado Lukács maduro", como por exemplo a discussão do pensamento social como expressão ideal do tempo histórico, das circunstâncias, do contexto nas suas relações de produção, tal como ele abordou nos textos *Jovem Hegel* e *A destruição da razão*.

No livro *Pensamento Vivido: autobiografia em diálogo*, livro composto de entrevistas, em forma de colóquios, feitas por István Eörsi e Erzsébet Vezér no primeiro semestre de 1971, Lukács discute sobre o seu itinerário intelectual: Kant, Hegel e Marx, daí sua inserção no pensamento clássico alemão. Em certa medida, Hegel vem com Lenin. Lenin estudou muito esse filósofo alemão, sobretudo a Lógica.

Na edição brasileira do livro *Lenin* de Lukács, a apresentação feita pelo professor Miguel Vedda traça uma linha analítica do desenvolvimento do pensamento do filósofo húngaro. Segundo Vedda, há um "rigorismo ético" desde o tenro Lukács, que salta do utopismo idealista ao materialismo dialético. Ou seja, a unidade da obra está na intransigência entre uma verdadeira ética que sirva aos homens (humanidade). O tema da ética, portanto, está presente em toda sua produção. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto corroboram para esta tese no prefácio da versão de textos



de Lukács por eles coligidas em *Arte e Sociedade: Escritos Estéticos*. Mesmo ponto também defendido por Nicolas Tertulian em textos coligidos em *Georg Lukács: Etapas de seu Pensamento Estético*.

Entre 1929 e 1933, Georg Lukács fica alternando entre Berlim e Moscou, onde ele colabora para o Instituto Filosófico da Academia de Ciências de Moscou. Fixa-se definitivamente na capital da URSS em 1933. A década de 1930 é marcante para o autor. De uma parte, colabora de perto com Mikhail Lifschitz para tornar público textos inéditos de Marx e Engels. Desse esforço é publicado o monumental *Manuscrito Econômicos e Filosóficos de 1844*.

Também se envereda no projeto de construir uma Estética Marxista. Esse trabalho o conduziu à desenvolver um estudo aprofundado sobre o realismo francês do século XIX, dentre outros autores tais como Honoré de Balzac e Stendhal. De outra parte, ele empreende uma análise histórica detalhada das origens filosóficas do fascismo. Aqui volta suas armas para um embate ao irracionalismo do pensamento burguês europeu de sua época que, segundo Lukács, era o corolário do nazismo, no limite, seu legitimador. Para Tertulian (2008) a Ontologia do Ser Social já está presente nas primeiras elaborações em Estética de Lukács da década de 1930. Três décadas depois, Lukács finaliza seu projeto de escrever uma Estética e inicia a elaboração de uma Ética. Para escrever a Ética inicia a discussão sobre uma "Ontologia do Ser Social".

De retorno à Budapeste em 1945, o filósofo húngaro se torna membro da Academia de Ciência Húngara. Professor de Estética e Filosofia na Universidade de Budapeste, também se torna membro do Parlamento húngaro. Em 1948, pública, em Zurich, *O Jovem Hegel*. Em 1951 aparece *Existencialismo ou marxismo*, e *A Detruição da razão* em 1954. Tornar-se membro do Comitê central do Partido Comunista Húngaro e Ministro da Cultura no governo Imre Nagy. Em 1956, vai para o exílio forçado na Romênia depois da repressão da Revolta Húngara. Autorizado a retornar para a Hungria no ano seguinte, ele retoma seu posto de professor na universidade e pode continuar seu trabalho. A primeira parte de seu trabalho sobre *Estética* aparece em Budapeste em 1963.

Começa a escrever sua *Ética*, mas, para tanto, antes inicia a discussão sobre uma Ontologia do Ser Social. Quando termina essa empreitada, escreve uma introdução porque o resultado final da Ontologia não o agradou do ponto de vista da forma. Acabou por não concluir o projeto.



Em 1970, ele recebe o prêmio Goethe, um dos mais importantes prêmios literários alemão, entregue pela primeira vez à um estrangeiro. Georg Lukács morre em 1971 em sua cidade natal.

Diante desse breve relato biográfico, há que se perguntar se em sua produção pode-se encontrar um debate sobre o tema do racismo. Essa é uma questão aparentemente controversa na medida em que, em primeiro plano, há toda uma discussão sobre o caráter abstrato da obra do autor húngaro. Por outro lado, tal como vimos, percorrendo um caminho do abstrato ao concreto, Lukács teve uma vida em que a *realpolitique* permeou sua práxis. Se as primeiras veredas desse processo desdobraram em ações frustradas que lhe condenaram ao quase ostracismo no interior do movimento comunista, a recíproca de que ele tenha se tornado um autor de gabinete não encontra eco em suas ações ao longo das décadas. Existiram pontos em suas análises teóricas que lhe facultaram uma entrada digna no campo do diagnóstico de seu tempo. Nesse sentido, defendemos a ideia de que, do abstrato ao concreto complexificado, o tema do racismo esteve sim presente na obra de Lukács.

Do abstrato ao concreto complexificado: o tema do racismo na obra de Lukács

No plano interno de sua obra, o mundo da vida foi amplamente tematizado, a pensar que a cotidianidade foi a pedra de toque de toda a sua produção filosófica madura. Nesse ponto, influenciou profundamente sua aluna Agnes Heller em sua produção sobre o cotidiano. Indiretamente, o tema da cotidianidade permitiu a ela debater com esmero o tema do preconceito, base importante para o tema do racismo nas interfaces entre singularidade e particularidade:

Fueron múltiples los impulsos que em su momento me llevaron a elegir precisamente lo cotidiano como tema filosófico. Entre los impulsos positivos quisiera citar em primeiro lugar las obras Estéticas de György Lukács. Tanto su obra temprana – la “Estética de Heidelberg - como la posterior – La peculiaridade de lo estético - se vinculan al pensamiento cotidiano; éste representa para Lukács la fuente primitiva del pensamiento- es decir, del compatamiento-estético y científico. Ambos brotan del pensamineto cotiadiano para diferenciarse y regresar luego, em el



proceso de la recepcion, al lugar de donde salieron³ (Heller, (1977) 1991, p. 5).

Assim, em Lukács, cotidianidade é uma esfera fundamental para correta compreensão da Estética, da Ética e da Ontologia. No prefácio do livro *Sociologia de la vida cotidiana* (escrito em 1971), de Heller, Lukács afirma:

Los estúdios sobre aquello que constituye la esencia de la vida cotidiana no han tenido una larga prehistoria. Henri Lefebvre há redactado um trabalho monográfico sobre este conjunto de custiones, yo mismo he tratado sobre ello em lo que se refiere a diversos aspectos relativos a la genesis de la posicion Estética (LUKÁCS, 1991 [1971], p. 9)⁴.

Foi, portanto, a partir dessas discussões que se chegou ao tema o ser social, relacionando a ideia de cotidianidade, causalidade dada, causalidade posta e, neste ponto, o tema preconceito, recorrendo à dialética do singular, particular e universal para apreensão do fenômeno do preconceito em suas múltiplas determinações.

Mas não são sós os desdobramentos alheios que fazem de Lukács um autor do tempo presente em seu período. Como se pode constatar em *Socialismo e Democratização - escritos políticos 1956-1971*, seu acerto de conta com o stalinismo e sua orientação para a renovação do marxismo lhe imputaram uma espécie de dever cívico ao confrontar seus dilemas sociais contemporâneos. Em recente edição sob o nome *György Lukács: essenciais são os livros não escritos: últimas entrevistas (1966-1971)* organizado por Ronaldo Vielmi Fortes, Lukács é assertivo: "Sou contra a discussão abstrata. O marxismo nos reconduz sempre ao concreto" (LUKÁCS, 2020, p. 34). O

³ Foram múltiplos os impulsos que na época me levaram a escolher justamente o cotidiano como tema filosófico. Entre os impulsos positivos, gostaria de citar em primeiro lugar as obras Estéticas de György Lukács. Tanto a sua obra jovem - a "Estética de Heidelberg" - como a última - A peculiaridade da estética - estão ligadas ao pensamento cotidiano; isso representa para Lukács a fonte primitiva do pensamento - isto é, da compatibilidade estética e científica. Ambos brotam do pensamento cotidiano para se diferenciar e voltar mais tarde, no processo de recepção, ao lugar de onde partiram (Tradução livre).

⁴ Os estudos sobre aquilo que constitui a essência da vida cotidiana não tem uma larga pré-história. Henri Lefebvre redigiu um trabalho monográfico sobre esse conjunto de questões, eu mesmo tratei sobre ele no que se refere a diversos aspectos relativos a gênese da posição Estética (Tradução livre).



tema do racismo foi um desses concretos imantados de complexidades apreciados por ele. No período das entrevistas coligidas neste livro, estávamos diante da radicalização da luta contra o racismo nos EUA, as lutas de libertação na África e o realinhamento da luta contra o racismo no sul global.

Mas mesmo antes, no campo das suas elaborações teóricas mais consistentes, o tema do racismo foi debatido de maneira a qualificar o entendimento desse fenômeno em relação ao capitalismo. Em *O Delírio Racista Inimigo do Progresso Humano* (1956)⁵ temos quatro artigos escritos em fins da segunda guerra mundial cujo cerne central das argumentações giram em torno de uma reflexão sob os horrores do holocausto. Ao longo da Guerra Fria, ele analisa também a situação ideológica e política de um mundo configurado em uma disputa em que dois campos antagônicos pautavam os blocos econômicos e políticos. Destes, destacam-se: *O Delírio Racista Inimigo do Progresso Humano*; e *Ponto de inflexão*;

No texto que dá nome ao livro, escrito em 1943, Lukács enfatiza não só o caráter negativo do regime nazista, mas o qualifica como processo regressivo, responsável por possíveis deteriorações daqueles que foram, em sua análise, ganhos humanos do período de ascensão burguesa: “Le nazisme, avec sa théorie raciale, signifie l’anéantissement de toute civilisation et culture humaines”⁶ (LUKÁCS, 2019 [1943], p. 36).

Já em *“Ponto de inflexão”* (1944) os traços de análise passam pelo campo da Estética, cotidianidade, nazismo e racismo. Lukács recupera a categoria da peripécia, tal como discutido por Aristóteles em seu clássico *A poética*, e toda a correspondência que esse uso acarreta, na medida em que para Aristóteles a ideia de arte se encaminha no sentido de conhecimento verdadeiro, pois capta a essência da coisa em si:

A poética é a mais filosófica e mais elevada que a história, porque exprime o universal, enquanto a história exprime o particular. Com efeito, temos o universal quando um indivíduo de certa índole dia ou faz certas coisas com base na verossimilhança e na necessidade, e é essa a intenção da

⁵ Adota-se a edição francesa ***Le délire raciste ennemi du progrès human*** cujos textos foram extraídos da edição alemã da Coleção Pontos de Virada do Destino, Berlim, Aufbau Verlag, 1956.

⁶ “O nazismo, com sua teoria racial, significa o aniquilamento de toda civilização e cultura humana” (Tradução livre).



poesia, que dá nome ao personagem justamente com base nesse critério [...] (ARISTÓTELES *apud* ABBAGNANO, 2014, p. 895).

Neste ponto, como bem demonstra Tertulian (2008), Lukács empreendeu um esforço analítico em reconstituir as etapas do devir da consciência em correspondência como a atividade humana sensível: “A existência cotidiana, cujas particularidades foram o objeto de uma análise minuciosa, representa, na concepção de Lukács, a matriz de que, progressivamente, se destacaram, até a completa autonomia, as duas grandes divisões fundamentais do espírito: a arte e a ciência” (TERTULIAN, 2008, p. 62). Tertulian também aponta como Lukács destaca a gênese sócio-histórica do enlace estético, não como um atributo da consciência, mas sim como desdobramento do devir dialético entre objetividade e subjetividade.

Por isso, em “*Ponto de inflexão*” (1944) o cerne central de análise do filósofo húngaro foi o de entender as vias pelas quais o nazismo operou e se apresentou como uma opção à população alemã. Para tanto, antecipa questões que serão mais bem desenvolvidas em *A destruição da razão* e na *Estética*. Para ele, há um “rebaixamento espiritual” no qual as mediações mais complexas da relação do sujeito com o mundo têm os enquadres conjunturais desse momento histórico. Um mundo plasmado, cuja base do conhecimento era uma expressão da degeneração da filosofia europeia revolucionária, em que os domínios tautológicos e irracionalismo suprimiram a razão dialética e a historicidade de um lado, e de outro a supressão das irrupções, da possibilidade de lidar com a indeterminação, em suma, a impossibilidade de o quantitativo saltar para o qualitativo – todos esses elementos foram trações que se entificaram na relação sujeito com o mundo da vida, da cotidianidade.

Esse processo conformou o imediato como fim em si, último. Ainda que experimental, a originalidade da análise de Lukács neste momento reside na superação ora subjetivista de algumas escolas do pensamento em que o indivíduo foi convertido a massa urbana diante do complexo cultural moderno, ora por determinações economicistas de outras escola do pensamento vigente. E sua análise se particulariza ainda mais quando atenta para a questão da raça para além das relações interpessoais e a atrela como uma espécie como um instrumento político de dominação e exploração:

Beaucoup disent- et sont sans doute em partie justifiés à le faire: plus d'une décennie de règne hitlérien a provoqué



cette corruption morale du peuple allemand, et Hitler a de fait accompli um formidable "travail d'éducation". L'instrument idéologique en a surtout été la théorie raciale. (LUKÁCS, 2019 [1944], p. 50)⁷.

Esse último ponto sobre a questão racial, ou em outras palavras, o tema do racismo, foi melhor curado em *A destruição da razão: a trajetória do irracionalismo de Schelling até Hitler*⁸ (LUKÁCS, 1968). Nessa obra de fôlego em que o filósofo húngaro se propôs à uma análise imanente da filosofia burguesa europeia de fins do século XIX até a primeira metade do século XX. Seu objeto de estudo foi a tentativa de reconstituir a ascensão e a consolidação do irracionalismo na filosofia desse período.

No caso do racismo, no capítulo *O darwinismo social, o racismo e o fascismo* Lukács (1968) faz análises sobre esse tema que ainda hoje guardam validade analítica. A começar pela correlação entre emergência da ciência moderna da raça e o ciclo econômico do pós crise econômica do início da segunda metade do século XIX na Europa e na antessala do período imperialista. Sendo assim, a análise se desenvolve em dois níveis de argumentação. No primeiro nível, o humanismo do período revolucionário da burguesia é contraposto, segundo ele, pelo pensamento conservador de cariz racista, ratificando assim suas análises de que o racismo é uma espécie de regressão das conquistas históricas da humanidade no sentido de um devir universal. Por isso, a expressão epistêmica desse processo, o darwinismo social é a demonstração mais acabada desse descenso humano e expressão ideo-teórica da decadência da filosofia burguesa:

Detengámos un momento a examinar caules son las condiciones generales que determinan el nacimiento del llamado darwinismo, em el campo de la sociología. La economía clásica se há disuelto, sobre todo en Inglaterra, como consecuencia de las de clases. Su conversión en economía vulgar acarrea consecuencias que no se limitan al campo económico em sentido estricto. Nada tiene de extraño el que sea éste el período en que la sociología se

⁷ Muitos dizem - e provavelmente estão parcialmente certos em fazê-lo - mais de uma década de governo de Hitler trouxe uma corrupção moral ao povo alemão, e Hitler realmente fez um tremendo "trabalho educacional" para isso. E o instrumento ideológico foi acima de tudo a teoria racial. (Tradução livre).

⁸ Neste artigo adotou-se a edição em espanhol ***El asalto a la razon: la trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler***. Grijaldo: Barcelona-México, 1972.



desglosa de la economía, para contituirse en disciplina aparte. [...] La nueva sociología, que renuncia y encuentra en las ciências naturales la base de su supuesta objetividad y sujeción a leyes (LUKÁCS, 1972, [1954], p. 553).

Para Lukács, diferentemente do espírito do tempo da aurora burguesa no início do século XIX, no ciclo atual o capital já não busca um horizonte harmônico e de realizações humanas, mas sim expressa uma naturalização das contradições de classe e as justifica por ideologias como a suposta neutralidade e objetividade das ciências das raças que, ao pegar emprestados os jargões e termos das exitosas ciências naturais, torna-se a ideologia oficial do pensamento burguês imperialista. Nessa toada, os influxos teóricos dessas novas veredas do pensamento europeu ordinário, recompõe as agudizações de classes e as afirmam a partir da luta de raças.

Outro ponto destacado na análise do autor foi observar a correlação entre Estado com uma ideia de natureza humana que fortaleceu chauvismos mais tarde entificados no nazismo e no fascismo. Havia, nesse sentido, uma forte correlação entre um novo ciclo do capital que se abria para novas necessidades frente às relações de produção, reconfigurações dos estatutos jurídicos, que não podem ser apreendidos sem se trazer à tona a superestrutura que lhes conformavam.

Em suma, ainda que não tenha sido um grande objeto de apreciação, Lukács não faltou ao seu compromisso de teórico da práxis e qualificou uma reflexão apurado sobre o racismo. Vale refletir sobre como seus congêneres brasileiros, dada a importância do tema para a formação nacional, se posicionaram frente à esse dilema humano.

Apropriação e disseminação das ideias de Lukács no Brasil: renovação conservadora e aspiração de emancipação para o tema da raça.

Já no Brasil as ideias de Lukács, sua penetração e enraizamento se deram em meados da década de 1970. Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho foram os pioneiros nesta incursão. Além da troca de cartas⁹, Konder especificamente o conheceu e fez uma entrevista que guarda sua importância histórica na medida em que ela ocorreu pouco tempo antes do

⁹ COUTINHO, Carlos Nelson & KONDER, Leandro. Correspondência com Georg Lukács. In. PINASSI, Maria Orlanda; LESSA, Sérgio (ORGS). **Lukács e a atualidade do marxismo**. São Paulo: Boitempo, 2002.



falecimento do filósofo húngaro. Posteriormente, outros eminentes intelectuais brasileiros foram responsáveis não só pela publicização da obra¹⁰, mas também tivemos uma espécie de “nativação” das ideias do filósofo húngaro. No campo da Estética, conforme Leandro Candido Souza (2016), as obras de Lukács tiveram ressonância na crítica literária, tendo como expoentes o próprio Carlos Nelson Coutinho, mas também Roberto Schwarz¹¹ e Ferreira Gullar¹². Antes, Antônio Candido chegou a absorver certas teses lukacsianas¹³, e Florestan Fernandes, no campo das ciências sociais, foi crítico de uma primeira ordem de “certo abstracionismo de gabinete”¹⁴ que este aporte teórico poderia oferecer às ciências sociais brasileiras. Na psicologia social, Dante Moreira Leite¹⁵ foi um expoente de primeira grandeza e que teve em Lukács um importante aporte teórico.

No campo dos estudos sobre trabalho, Celso Frederico¹⁶, Ricardo Antunes¹⁷, Giovanni Alves¹⁸, Odair Furtado¹⁹ e seus respectivos orientandos

¹⁰ FREDERICO, Celso. Presença de Lukács na Política Cultural do PCB e na Universidade. In: MORAES, João Quartim. **História do marxismo no Brasil. Volume 2: Os Influxos Teóricos**. Campinas: Unicamp, 2007.

¹¹ COUTO, Elvis Paulo. Pressupostos lukacsianos do conceito de forma em Roberto Schwarz. **Leitura**, Maceió, n. 63, jul./dez. 2019.

¹² GULLAR, Ferreira. **Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969

¹³ CANDIDO, A. Crítica e sociologia: tentativa de esclarecimento. In: _____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 1975a.

¹⁴ CARDOSO, Fernando Henrique. Florestan Fernandes e o Marxismo. Youtube. Disponível em (<https://www.youtube.com/watch?v=CsOt2mxMto0&t=2s>) Acessado em 25/01/2021.

¹⁵ Conforme BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. . História das relações entre o marxismo e a psicologia no Brasil. In: Ana Maria Jacó-Vilella, Arthur Arruda Leal Ferreira e Francisco Portugal. (Org.). **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2006, v., p. 503-513.

¹⁶ Tese de forte inspiração em *História e Consciência de Classe* . FREDERICO, Celso. **Consciência Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1978.

¹⁷ ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio Sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1995. Entre outras obras referendadas na obra tardia de Lukács, foi também organizou com Walquiria Leão Rêgo a coletânea *Lukács : Um Galileu no Século XX* pela Boitempo em 1996.

¹⁸ Autor de vasta obra, aqui expõe uma consonância de escolas numa agenda de pesquisa sobre trabalho. ALVES, GIOVANNI & ARAÚJO, RENAN. **Thompson, Lukács e o conceito de experiência — um diálogo mais que necessário**. Revista Mundos do Trabalho | vol. 5 | n. 10 | julho-dezembro de 2013|.



consagraram um campo. Chasin²⁰ inovou a interpretação nacional, partindo de Lukács. Antônio Carlos Mazzeo²¹ também apresentou teses inovadoras partindo de Lukács e Chasin sobre a formação social brasileira. Sílvio Luiz de Almeida²² e Marcos Nobre²³ são exímios conhecedores da obra de juventude do autor. Há os exegetas, dentre eles Ester Vaisman, Ronaldo Vielmi Fortes, Maria Orlando Pinassi, Ivo Tonet, Sérgio Lessa, e José Paulo Netto, como grandes destaques.

Porém, mesmo diante dessa ampla fortuna crítica, em relação ao tema do racismo as contribuições da escola húngara ao pensamento brasileiro se dá de forma incipiente e à conta-gotas. No campo aberto das discussões, intervenções, por meio de ensaios e falas públicas, os lukacsianos brasileiros destoaram do consenso de sua época sobre o tema das raças, apontando limitações tanto para o diagnóstico da questão, como para os encaminhamentos táticos frente ao racismo. Sérgio Lessa,²⁴ por exemplo, endossou o coro dos que lardeavam contra as cotas raciais nos idos da primeira década do século XXI. Antônio Carlos Mazzeo²⁵ também fez eco a essas medidas, com o entendimento de que as cotas raciais na educação superior expressariam um desvio particular frente ao universalismo que deveria ser o horizonte de luta dos setores progressistas brasileiros para o tema do acesso à universidade. Sobre os seus argumentos, a própria história os venceu na medida em que, ano após ano, as políticas de cotas mostraram seus êxitos nos mais vários âmbitos.

¹⁹ CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado: Forma de regressividade no Capitalismo Hiper-tardio**. Livraria Editora Ciências Humanas LTDA.: São Paulo, primeira edição, 1978.

²⁰ FURTADO, Odair. **Trabalho e solidariedade**. São Paulo: Cortez, 2011.

²¹ MAZZEO, Antônio Carlos. **Estado e Burguesia no Brasil: Origens da Autocracia**. São Paulo: Boitempo, 2015.

²² ALMEIDA, Sílvio Luiz. **O Direito no Jovem Lukács**. São Paulo: AlphaOmega, 2006.

²³ NOBRE, Marcos. Lukács e o materialismo interdisciplinar: uma leitura de teoria tradicional e teoria crítica, de Horkheimer. In. ANTUNES, Ricardo & RÉGO, Walquiria Leão (ORGs). **Lukács: um galileu no século XX**. São Paulo: Boitempo, 1996.

²⁴ LESSA, Sérgio. Cotas e o renascimento do racismo. **Crítica Marxista**, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.24, 2007, p.102-105.

²⁵ MAZZEO, Antônio Carlos. **18 de Brumário de Luís Bonaparte / A guerra civil na França**. Aula 7 Curso Marx/Engels. Tv Boitempo. Youtube. Acessado em 23/01/2021. Link disponível in. [Antonio Carlos Mazzeo | O 18 Brumário de Luís Bonaparte | A guerra civil na França | Aula 7 - YouTube](#).



Numa leitura classista, constituiu-se no Brasil uma sociedade do capitalismo de via colonial, em que o antagonismo de classe emergente ainda na colônia qualificou a necessidade dos donos de poder em criar mecanismos de repressão permanentes para conter insurgências, consagrando assim uma forma de luta de classes em que mediação sempre foi a violência - quase como um estatuto ontológico, diante de uma sociedade em que a subsunção formal do trabalho ao capital se efetivou quando da imposição da condição de “bom escravo à mau cidadão” para a população negra, em que pesou a superexploração como forma de valorização, bem como o arcaico e o moderno conjugados na relação entre desenvolvimento das forças produtivas e a regulação do trabalho. É nessa conjuntura que as cotas acabaram por permitir que a fração “dos debaixo” que viviam os limites dessa forma societária tivessem condição de acessar um espaço de disputa de projetos políticos e qualificar, no mínimo, os próprios limites da hegemonia racial brasileira, que constituiu-se como ideologia de conformação da revolução burguesa tupiniquim.

Mais recentes, os posicionamentos de Celso Frederico²⁶ também caminharam no sentido de pôr em dúvidas a questão racial com ênfase em particularidades. Frederico, quase logrou êxito quando astutamente recuperou o famoso ensaio *Sobre as Artimanhas da Razão imperialista*²⁷ escrito por Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant, amplamente veiculado nos tempos idos dos certames sobre cotas raciais, que, ao tratar a questão da raça como categoria identitária e, conseqüentemente, política, disseminou a compreensão de que a incorporação desse debate significaria a reprodução de importações exógenas e alheias às relações sociais brasileiras. O problema é que Frederico não se deu ao trabalho de procurar os contrapontos a esta tese como as defendidas por Antônio Sérgio Guimarães²⁸, Kabenguele Munanga²⁹, Fúlvia Rosemberg³⁰, entre tantas

²⁶ FREDERICO, Celso. **O Multiculturalismo em quarentena**. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-multiculturalismo-em-quarentena/>.

²⁷ BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. Sobre as Artimanhas da Razão Imperialista. **Stud. afro-asiát.** [conectados]. 2002, vol.24, n.1 [cited 2021-01-24]

²⁸ GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com raça em sociologia. **Educ. Pesqui.** [conectados]. 2003, vol.29, n.1

²⁹ MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira[S.l.: s.n.], 2004.



outras pesquisadoras e pesquisadores que na ocasião já operavam a negação da negação para afirmar as relações raciais no Brasil como imanentes à entificação da modernidade brasileira. Em suma, Celso Frederico, a exemplo de seus patrícios lukacsianos no Brasil, dos que até aqui foram citados para o tema do racismo, promoveram, na verdade, uma renovação conservadora, na medida em que afirmaram, por novas categorias abstratas, as mesmas argumentações que o marxismo conservador, ortodoxo e degenerado utilizava para mistificar, escapar ou escamotear as relações raciais no Brasil: promoveriam divisões perigosas. Neste ponto, os lukacsianos revolucionários renovadores, tal qual seus ancestrais brasileiros, se conciliavam com os argumentos das elites nacionais.

Menos polemistas e mais robustas, dois trabalhos de fôlego em que Lukács foi base tiveram mais êxitos do que dos acima mencionados. *Racismo e alienação: uma aproximação à base ontológica da temática racial* escrito por Uelber B. Silva (2012) é um dos poucos textos que parte do debate em torno da “*Ontologia Do Ser Social*” de Lukács para analisar o fenômeno do racismo na sociedade moderna. Agora, a mesma característica que coloca este trabalho como uma referência, também é o atributo que nega sua qualidade: o pioneirismo. O texto faz uma brilhante aproximação entre desenvolvimentos das forças produtivas, acumulação primitiva do capital, escravidão e racismo, concatenando estes processos com o desenvolvimento da filosofia burguesa, e, nessa empreitada, é um trabalho *sui generis*. Por outro lado, várias afirmações, como, por exemplo, o incipiente desenvolvimento das forças produtivas em África quando comparado com o desenvolvimento Europeu do período do século XIV e XV- período de intensificação do contato entre os povos dos dois continentes - é um dado relativamente superado. Este é apenas um exemplo de um conjunto de lacunas existentes no trabalho de Silva que, se não invalidam o conjunto da obra, a colocam sob restrições.

A seu tempo, Lukács deu respostas mais consistentes das que o seu seguidor brasileiro se propôs:

[...] é importante que, por exemplo, na questão das revoltas coloniais, o marxismo tenha percebido que sua compreensão do problema – ou seja, a teoria do sistema de produção asiático - se perdeu completamente para os

³⁰ ROSEMBERG, Fulvia. O Branco do IBGE continua branco na ação afirmativa? **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.50, p.225-241, 2004.



marxistas de todo o mundo. Gostaria apenas de observar entre parênteses que, dadas às condições da época, Marx nunca lidou com o desenvolvimento dos povos africanos. Com base na mais severa reflexão marxista, podemos nos perguntar: onde está escrito que o desenvolvimento dos povos africanos deve realizar-se, infalivelmente, com base no esquema europeu ou no esquema asiático? Pode ser que, ao lado das relações de produção europeias e asiáticas, também existam relações de produção africana (LUKÁCS, 2020 [1968], p. 61).

O debate sobre o modo de produção africano, em seu tom mais elevado na época, foi apresentado por Walter Rodney (1975) em seu clássico *Como a Europa Subdesenvolveu a África*, evidenciando consonância do filósofo húngaro com os temas candentes para o marxismo de seu tempo.

Voltando ao texto de Silva (2012), já nos arremates, quando se dedica a particularidade brasileira e o tema do racismo, cai na mesma renovação conservadora dos acima citados. Ao tentar aproximar a políticas de cotas como expressão política do multiculturalismo de cariz liberal e pós-moderna, escapa às determinações concretas da luta de classes brasileira. Numa saída idealista, de verve gnosiológica, acaba por não enfrentar as determinações concretas do fenômeno que produz a resposta criticada e ataca, sem um efetivo cotejamento histórico, os limites e as possibilidades das políticas afirmativas.

De outro modo, Weber Lopes Goés (2011 e 2018) opera de maneira eficiente a chamada análise imanente do texto em que exprime as categorias centrais de uma dada obra, ao mesmo tempo em que, em outro nível de análise, a inscreve em seu contexto a partir de uma leitura sócio-histórica. Tanto em seu texto *O pensamento de Arthur de Gobineau no Seio do Caleidoscópio da Ideologia do Racismo*, como em sua dissertação de mestrado vertida em livro sob o nome de *Racismo e Eugenia no Pensamento Conservador Brasileiro: A Proposta de Povo em Renato Kehl*, temos um complexo quadro de análise das bases do racismo moderno brasileiro entre fins do século XIX e início do século XX. Amplamente influenciado por Lukács de *A destruição da razão...*

Em especial no segundo texto, no encalce de um devido posicionamento de Renato Kehl como articulador do movimento eugenista no Brasil, o autor propõe uma espécie de genealogia da raça na



modernidade. O enquadre do tema para o pensamento europeu burguês desde a renascença até o iluminismo é passado em revista.

Da filosofia à ciência, conforme nos demonstra o autor, o tema corre *paripassu* com os novos ordenamentos sociais. Ha arranjos originais, ainda assim, suas análises sobre o desenvolvimento da eugenia na Europa e nos EUA, estão amplamente em consonância com as análises de Lukács. Góes avança na análise histórico-estrutural sobre o tema da raça, atinando para o debate ocorrido na metade do século XX, a partir do fomento da UNESCO até os debates contemporâneos levados a cabo por autores como Gylroy. Creio que nessa etapa da análise a densidade presente na maior parte do estudo até ali desenvolvido, perde um pouco de fôlego, até porque nem só das negativas vive a dialética. Faltou a Weber “conjunturar” os textos e autores criticados para que eles não ficassem sem contexto. No caso de Gylroy, por exemplo, sua negação da raça se dava justamente pela apropriação liberal e diluição de seu caráter contestatório do ponto de vista político. Se o intento é desviante, não anula o mérito.

Da universalidade à particularidade, temos uma cuidadosa tomada histórica que nos permite entender a densa trama entre capitalismo de via colonial e racismo. Novamente Weber Lopes Góes nos demonstra as conexões de longo prazo que permitiram a emergência da ciência eugênica nos primeiros decênios do século XX no Brasil.

Ao desnudar a obra de Renato Kehl, o autor consagrou ao estudo daquilo que persiste na história nacional como uma espécie de “retorno do recalçado”. E, mais uma vez, empunhou a pena da absorção com originalidade de um autor marxista de tamanha robustez como Lukács.

Considerações para além do marxismo que transita do abstrato ao abstrato

No prefácio de 1963 para a edição espanhola do livro *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*, Lukács lança suas armas frente ao dogmatismo stalinista que “desfigurou” o potencial revolucionário da teoria marxista.

Há contradições que foram apontadas na tentativa feita pelo filósofo húngaro de permanecer crítico “por dentro” do sistema, imputando muitas vezes a Lukács a pecha de ter tido uma adesão tácita ao regime, o que, por sua vez, operou uma invalidação de sua obra em muitas circunstâncias.



Contudo, ao se voltar à unidade dialética vida e obra brevemente exposta no início deste ensaio, compreende-se que as retaliações, prisões, exílios e apagamentos sofridos por Lukács em vida, bem como em relação ao conjunto da sua obra, explicitam que este autor foi um guardião da dialética, sem o qual a renovação do marxismo não teria sido possível. Definitivamente, não há elementos que se sustentam ao considerá-lo como um autor stalinista. O tema da raça, tal como aqui abordado, ainda que de forma lateral, foi debatido por Lukács com a competência que lhe era peculiar. Em algumas circunstâncias, tais como o debate proposto por ele sobre racismo no livro *A destruição da razão*, sua abordagem foi original e ainda guarda validade analítica.

Também aguardamos que seus seguidores brasileiros tentem pensar o Brasil de maneira dialética, tal como ele operou em sua obra, e não continuem fazendo a renovação conservadora do marxismo tupiniquim. O tema da raça é a pedra no caminho desse marxismo que se auto proclamou como novo, mas apresenta a mesma feição do antigo a ser superado. Algumas tentativas, com seus limites e possibilidades, foram bem sucedidas, mas ainda longe de dispor de um manejo categorial de inspiração lukacsianas que consagre uma leitura de tempo e um devir cujo horizonte, esse sim, seja de emancipação não só política, mas de emancipação humana.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, S. L. de. *O Direito no Jovem Lukács*. São Paulo: AlphaOmega, 2006.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* Ensaio Sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez, 1995
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. História das relações entre o marxismos e a psicologia no Brasil. In: Ana Maria Jacó-Vilella, Arthur Arruda Leal Ferreira e Francisco Portugal. (Org.). *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2006, v., p. 503-513.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. Sobre as Artimanhas da Razão Imperialista. *Estud. afro-asiát. [conectados]*. 2002, vol.24, n.1 [cited 2021-01-24].
- CANDIDO, A. Crítica e sociologia: tentativa de esclarecimento. In: _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1975a.



- CARDOSO, F. H. *Florestan Fernandes e o Marxismo*. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CsOt2mxMto0&t=2s>>. Acessado em 25/01/2021.
- CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado: Forma de regressividade no Capitalismo Hiper-tardio*. Livraria Editora Ciências Humanas LTDA.: São Paulo, primeira edição, 1978.
- COUTINHO, Carlos Nelson & KONDER, Leandro. Correspondência com Georg Lukács. In. PINASSI, Maria Orlanda; LESSA, Sérgio (ORGS). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- COUTO, Elvis Paulo. Pressupostos lukacsianos do conceito de forma em Roberto Schwarz. *Leitura*, Maceió, n. 63, jul./dez. 2019.
- FREDERICO, Celso. *Consciência Operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. Presença de Lukács na Política Cultural do PCB e na Universidade. In. MORAES, João Quartim. *História do marxismo no Brasil*. Volume 2: Os Influxos Teóricos. Campinas: Unicamp, 2007.
- _____. *O Multiculturalismo em quarentena*. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-multiculturalismo-em-quarentena/>.
- FURTADO, Odair. *Trabalho e solidariedade*. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOES, Weber Lopes. *O pensamento de Arthur de Govineau no seio do caleidoscópio da ideologia do racismo*. Monografia (Especialização em Ciências sociais – Economia Mundo: Arte e Sociedade) – Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA), Santo André, 2011.
- _____. *Racismo e Eugenia no Pensamento Conservador Brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl*. São Paulo: LiberArs, 2018.
- GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com raça em sociologia. *Educ. Pesqui. [conectados]*. 2003, vol.29, n.1
- GULLAR, Ferreira. *Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969
- HELLER, A. *Sociologia de la vida cotidiana*. 3. ed, Barcelona: Península, 1991.
- LESSA, Sérgio. Cotas e o renascimento do racismo. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.24, 2007, p.102-105.
- LUKÁCS, György. *El joven Hegel y los problemas de la sociedade capitalista*. México: Grijalbo, 1963.
- _____. *El Asalto a la Razon*. La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. EDICIONES GRIJALBO, S. A. Barcelona-México, D. F. 1972.



- _____. *Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. *Pensamento vivido: autobiografia em diálogo – Entrevista a István Eörsi e Ersébet Vezér*. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem; Viçosa, MG: UFV, 1999.
- _____. *A alma e as formas*. Trad. Rainer Patriota. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____. *Le délire raciste: ennemi du progrès humain*. Paris, Éditions critiques, 2019.
- _____. *Essenciais são os livros não escritos*. São Paulo, Boitempo, 2020.
- MAZZEO, Antônio Carlos. *Estado e Burguesia no Brasil: Origens da Autocracia*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- _____. 18 de Brumário de Luís Bonaparte / A guerra civil na França. *Aula 7 Curso Marx/Engels. Tv Boitempo*. Youtube. Disponível em: <<https://youtu.be/XaOftL4hls4>>. Acessado em 23/01/2021.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. [S.l: s.n.], 2004.
- NOBRE, Marcos. Lukács e o materialismo interdisciplinar: uma leitura de teoria tradicional e teoria crítica, de Horkheimer. In. ANTUNES, Ricardo & RÊGO, Walquiria Leão (ORGs). *Lukács: um galileu no século XX*. São Paulo: Boitempo, 1996.
- RODNEY, W. *Como a Europa Subdesenvolveu a África*. Lisboa: Seara Nova, 1975.
- ROSEMBERG, Fulvia. O Branco do IBGE continua branco na ação afirmativa? *Estudos Avançados*, São Paulo, v.18, n.50, p.225-241, 2004.
- SILVA, Uelber Barbosa. *Racismo e Alienação: Uma aproximação à base ontológica de temática racial*. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.
- SOUZA, Leandro Candido. Os Comunistas e a Arte: A Recepção da Estética Lukácsiana no Brasil. Verinotio - *Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*. ISSN 1981-061X . Ano XI . out./2016 . n. 22.
- TERTULIAN, Nicolas. Georg Lukács: Etapas de Seu Pensamento Estético. São Paulo: Unesp, 2008.

Recebido em 06 mar. 2021 | aceite em 08 mar. 2021.

